



APRESENTAÇÃO

Dossiê “Debates sobre racismo e antirracismo no pensamento social brasileiro”

Coletivo Negro Diva Guimarães¹

*Sim, eu trago o fogo,
o outro,
aquele que me faz,
e que molda a dura pena
de minha escrita.*

Conceição Evaristo

Trazemos o fogo de nossas palavras, porque existimos em conjunto, como nos ensinaram aqueles que vieram antes e como devemos fazer para honrar aqueles que virão depois, *Sankofa*¹. E, assim, escrevemos, em coletividade e em primeira pessoa, com a palavra atravessada de subjetividade na construção de uma epistemologia outra plena de personalidade e afetamento. Agimos assim, porque sabemos que é preciso reinventar as formas postas e ocupar espaços além da subalternidade. Ora, se tantas teorias são construídas à base do café feito pelas mãos pretas da “tia da cozinha”, porque outras mãos pretas não assinam textos acadêmicos?

A resposta é constrangedoramente óbvia: racismo.

Sim, racismo, conhece? O inventor da raça, aquele que muitos fingem que não existe e que disfarçam, mas que representa a dívida que a sociedade brasileira tem com todas as pessoas afrodescendentes, mas que não gostam que falem. Como diz Emicida: “Eles querem que quem vem de onde nós vem, seja mais humilde, baixe a cabeça, nunca revide. Finja que esqueceu a coisa toda...”. E para ser honesto, a gente até tenta, mas a todo momento, o racismo aparece para nós de forma tão exaustiva

¹ Coletivo negro dos alunos do Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV). E-mail: coletivonegro.divaguimaraes@gmail.com.

que as referências nem cabem aqui – mas vamos a elas: o tratamento diferenciado que recebemos nos estabelecimentos, o pé dos seguranças nos nossos rostos, agressões das mais sutis às mais hostis, balas que acham nossas crianças – e vamos combinar que falando a pessoas conscientes podemos nos furtar de dados estatísticos. Aliás, essa é outra realidade da qual fugimos: as estatísticas.

Estamos aqui para dizer que sim, que não vamos fingir que o racismo não existe e que assim nos propomos a combatê-lo com os meios que tivermos, o de hoje: uma revista. Nossa intenção nessa escrita é usar esse lugar para reivindicar um poder que é nosso e que se nutre pelo fortalecimento do outro, uma vez que se constrói no exercício daquilo que foi conquistado e avança a cada vez que é reafirmado (BERTH, 2018). Produzir novas narrativas é subverter a vigilância e o controle que o necropoder insiste em nos impor cada vez que nos mata física e/ou ideologicamente (MBEMBE, 2018).

Sendo assim, nós do Coletivo Negro Diva Guimarães, dos alunos de pós-graduação da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), em parceria com a revista discente *Mosaico* escolhemos para este dossiê o tema “Debates sobre racismo e antirracismo no pensamento social brasileiro”, um convite à reflexão sobre essa doença social que é o racismo e às maneiras como podemos agir para seu combate. Sabemos que não é muito, porém, parodiando o ditado, “de microrrevolução em microrrevolução, a luta enche a causa” (GUATTARI; ROLNIK, 2010).

Foram muitas as contribuições recebidas sobre o tema e gostaríamos de reconhecer aqui o valor e a luta de todos os graduandos, pós-graduandos, mestres e doutores que escolheram se dedicar a trazer à luz variadas vertentes do debate antirracista em suas pesquisas acadêmicas. Sabemos que o espaço acadêmico não é um lugar de acolhimento natural de corpos e temáticas negras, pois entendemos que nas universidades brasileiras, como em grande parte das culturas ocidentais, a predominância de um modo de produção do conhecimento baseado na epistemologia branca eurocêntrica, normalizada como a epistemologia do senso comum, neutra, universalista e objetiva, contribui para encobrir as hierarquias raciais de poder (FIGUEIREIDO; GROSGOUEL, 2009; KILOMBA, 2019), de modo que para os pesquisadores negros, “seguir uma carreira acadêmica e/ou intelectual da maneira socialmente legítima continua a ser uma árdua tarefa” (hooks, 1995).

A partir do esforço desses colegas, foi possível materializar o dossiê que agora apresentamos, que conta com oito artigos originais, além de quatro resenhas e uma entrevista.

Escolhemos para abrir o dossiê o artigo “O Negro na Revolução Socialista Brasileira: uma análise das expectativas de Florestan Fernandes”, de Patrick Silva dos Santos. Florestan Fernandes, cujo centenário inspirou a chamada de trabalhos para esse dossiê, abordou o papel transformador do agente negro na transformação da sociedade brasileira na obra “Significado do Protesto Negro”, publicada em 1989, cujos textos recebem uma análise em torno das noções de Segunda Abolição, Mito da Democracia Racial e intersecção raça-classe.

Outro pensador das questões étnico-raciais contemplado nesse dossiê é o sociólogo Guerreiro Ramos, cuja perspectiva é usada para investigar o projeto político gestado pelas lideranças negras em torno da democracia racial nos anos de 1940 e 1950 e sua posta em prática através das ações do Teatro Experimental do Negro, relatadas no artigo “A democracia racial como um projeto de planificação social no pensamento de Guerreiro Ramos”, assinado por Nikolas Pallisser Silva e Alan Caldas.

Em “O negro é rei: 1º Festival Mundial de Artes Negras em Dacar”, Maybel Sulamita Oliveira analisa as relações culturais e políticas travadas a partir do 1º Festival de Mundial de Artes Negras e aborda a participação brasileira no evento, realizado em 1966, no Senegal. Um convite à reflexão das relações raciais em campos outros além do trabalho.

Ainda no campo das artes, Bruno Vinícius Leite de Moraes traz um artigo sobre “Os primórdios da black music brasileira e da linguagem política do orgulho negro nos anos 1960”, utilizando documentação fonográfica para situar o surgimento desse fenômeno cultural no Brasil a partir de gêneros musicais estadunidenses, valorizando a cultura negra e denunciando o preconceito racial.

O artigo de Vandelir Camilo, “Vestígios da memória de Antonio José Nunes Garcia: A trajetória e o esquecimento de um jornalista, professor e literato negro do século XIX (1813-1894)”, relata a trajetória do escritor, abolicionista e monarquista negro do Rio de Janeiro, lembrando que o apagamento da memória de negros intelectuais sempre foi uma constante no Brasil.

A seguir, temos o artigo “As cotas raciais na construção da democracia”, no qual Eliaidina Wagner Oliveira da Silva e Alba Janes Lima debatem os resultados positivos

alcançados pelas políticas públicas de cotas raciais nas universidades e defendem seu importante papel na construção de uma nova consciência social.

O dossiê aborda também a questão indígena em “O ensino de Sociologia à luz da temática indígena: a percepção de professores(as) acerca dos povos originários”, de Guilherme Luiz Pereira Costa e Karlla Christine Araújo Souza. A partir de entrevistas com docentes, os autores mostram como a Lei 11.645/2008 pode contribuir para uma prática educacional que prega o respeito e a valorização às diferenças.

Fechamos a seção de artigos do dossiê com “A questão do negro na autocracia burguesa brasileira: as contribuições sociopolíticas de Florestan Fernandes e Clóvis Moura”, onde Leonardo Sartoretto debate a inserção do negro na sociedade de classes brasileira utilizando conceitos da obra dos dois sociólogos que mais combateram a chamada “democracia racial”.

Na seção de resenhas, temos ótimas contribuições, como “A materialização do racismo a partir da teoria social: uma resenha do livro ‘Racismo estrutural’”, na qual Gabriel Delphino analisa o já clássico título de Silvio Almeida, uma obra fundamental para quem pretende compreender a sociedade brasileira e seus funcionamentos, e que aponta caminhos para orientar ações políticas antirracistas.

A resenha “‘Um em um milhão’: Uma jornada de uma mulher de cor pós-colonial na academia branca”, por Priscila Brito Farias, apresenta fragmentos do percurso acadêmico de uma professora negra, narrados no livro “Inside the Ivory Tower: Narratives of women of colour surviving and thriving in British academia”, com o intuito de estimular a participação das mulheres negras no espaço acadêmico.

Leandro Aparecido Fonseca Missiatto contribui com a resenha do livro “Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo”, de autoria de Gabriel Nascimento, uma obra que nos convida a pensar a linguagem como instrumento de poder e de subalternização e suas interfaces com a produção, disseminação e sedimentação do racismo na sociedade.

Para encerrar, a resenha “A questão racial em ‘O custo dos direitos’”, por Tales Araújo Silva, faz uma análise crítica da obra “O custo dos direitos: por que a liberdade depende dos impostos”, de Stephen Holmes e Cass R. Sunstein, evidenciando a ligação das questões raciais com a teoria dos direitos fundamentais discutida pelos autores.

Destacamos ainda nessa edição, entre os textos de temas livres, duas notas de pesquisa: “Quando a cidade e seus monumentos contam História: o IHGB e a homenagem aos patriarcas no Centenário da Independência”, de José Lúcio Nascimento Júnior, e “Do discurso à prática: a condição da mulher e as questões de gênero e sexualidade nas escolas do município de Getúlio Vargas/RS”, de Eliane Salete Bruneto; e a resenha do livro “Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase – orientações pós-seculares”, por Mário Jorge de Paiva Correio.

O dossiê traz ainda uma entrevista com a professora Kassandra da Silva Muniz, coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da Universidade Federal de Ouro Preto. Partindo de sua trajetória acadêmica e profissional, e sob a perspectiva de seus estudos e vivências sobre o racismo e a educação e luta antirracista no Brasil, Kassandra nos fala “das brechas, das frestas, da ginga” presentes nas estratégias de intelectuais negras no ambiente acadêmico. Pois como ela mesma frisa, concordando com o entendimento da autora norte-americana bell hooks, intelectual é aquela que subverte.

O debate sobre racismo e antirracismo segue sendo urgente e necessário. Mas estejamos atentos, pois como alerta Kassandra Muniz, “a gente está só começando as nossas possibilidades de falar sobre isso e sim, o racismo vai acabar fazendo parte dessas pesquisas, dessas conversas, dessas possibilidades. Ele só não pode ditar todas as possibilidades de olhar para esses temas”.

Referências

BERTH, Joice. *O que é empoderamento?* Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

EVARISTO, Conceição. Do fogo que em mim arde. *Revista Prosa, Verso e Arte*. UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoearte.com/conceicao-evaristo-poemas/>. Acesso em 16 dez. 2020.

FIGUEIREIDO, Ângela; GROSGOUEL, Ramón. Racismo à brasileira ou racismo sem racistas: colonialidade do poder e a negação do racismo no espaço universitário. *Sociedade e Cultura*, v. 12, n. 2, p. 223–234, 2009.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Revoluções Moleculares*. São Paulo: editora Vozes, 2010.

HOOKS, bell. Intelectuais Negras. *Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, p. 464, 1 jan. 1995.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. 2019. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018

ⁱ Sankofa é parte de um conjunto de ideogramas chamados Adinkra, utilizado entre os povos de língua Akan da África Ocidental, representado por um pássaro mítico que voa para frente, tendo a cabeça voltada para trás e carregando um ovo no seu bico. O símbolo de Sankofa pode ser traduzido como: “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”.